

Caso Lu

Trauma de ser psicóloga

Lu traz para terapia o reconhecimento de bloqueio em voltar a trabalhar como psicóloga, apesar de ter muita vontade. Lu está fazendo formação mais longa em psicoterapia, mas não consegue iniciar a prática clínica, nem a supervisão.

Ao perguntar sobre suas experiências em psicologia ou na vida em geral que podem ter contribuído para essa dificuldade, ela descreve que quando era estagiária em um hospital da cidade a chefe da ala ligada à ginecologia resolveu tirar férias e disse que ela deveria assumir o serviço durante essa ausência: “Afinal, nada de significativo pode acontecer durante uma semana.” Lu aceitou a incumbência depois certa relutância.

Logo no início da semana chegou uma paciente que, possivelmente por decorrência de infecção urinária não tratada havia perdido o bebê. Ela teve que submeter-se a cesariana para retirada do feto. Em seguida essa paciente começou a dizer que o feto não havia morrido e que seguia conversando com ela em sua barriga. Os médicos a haviam enganado e não a tinham removido de seu ventre. Somente iria reconhecer a perda do bebê quando e se pudesse ver o corpo.

Lu foi conversar com outra supervisora e decidiram que seria melhor a mãe ter acesso visual ao corpo. O sofrimento seria maior no começo, mas isso talvez reduzisse o risco de cronificação desse quadro agudo.

A imagem mais perturbadora e intrusiva que Lu tem do hospital é a do corpo do bebê sendo desembulhado e mostrado à mãe pela janela do necrotério.

Apesar de meses terem se passado, Lu sofre de pesadelos com essa imagem. Ela fica ainda hoje com a dúvida de se essa conduta foi a melhor e sente-se culpada pelo sofrimento dessa paciente.

A mãe de Lu e o irmão são médicos. O irmão recentemente pegou o Covid-19 no trabalho, mas recuperou-se bem.

Com relação a outras perdas no passado, sofreu bastante com o falecimento da avó materna e o tema da morte a incomoda bastante. Mais recentemente o avô faleceu e foi difícil também. Não se recorda de outras grandes perdas significativas no passado e prefere não pensar muito a respeito, porque as recordações com perdas a incomodam.

Quando perguntei sobre a primeira ligação difícil com a morte contou-me que, assim como a mãe e o irmão, queria estudar medicina. O irmão havia passado no vestibular e resolveu levar Lu a sua classe de anatomia. Lu estava com 14 anos. Ao entrar na sala de aula, deparou-se com mesas cheias de cadáveres. Ainda se lembra de um deles com uma âncora tatuada no braço. Os alunos o chamavam de marinheiro. O cheiro de formol a acompanha até hoje. Saiu dali com a certeza de que não seria este seu percurso profissional.

Logo depois da experiência difícil no hospital, recebeu convite de uma amiga para montar uma empresa de ensino. Sem pensar muito, largou tudo para dedicar-se ao empreendimento. Gosta muito do que faz e é popular entre os alunos.

No entanto, Lu sente que há certa frustração por não conseguir tocar adiante o projeto de ser psicoterapeuta.

A relação com os pais é ótima. A mãe participa da empresa, mas deixa Lu ter autonomia na administração.

Ana é casada com filhos pequenos. A menor está em fase de desmame e Lu sente ser chegada a hora de dar uma guinada na vida, de retomar a carreira para a qual se preparou.